

S. PINCHERLE e U. AMALDI—*Le operazioni distributive e le loro applicazioni all'Analisi*, Bologna, 1901.

O. HEAVISIDE—*Electromagnetic theory*, London, 1922.

G. GEORGI—*Nuove osservazioni sulle funzioni di matrici*, Rendiconti Acc. Lincei, Roma, Luglio, 1928.

J. R. CARSON—*Electric circuit theory and the operational calculus*, New York, 1929.

P. HUMBERT—*Le calcul symbolique*, Paris, 1934.

R. COURANT und D. HILBERT—*Methoden des Mathematischen Physik*. Bd. II, Berlin, 1937.

G. DOETSCH—*Theorie und Anwendung der Laplace Transformation*, Berlin, 1937 (reeditado em 1943 pela empresa Dover publications, New York).

H. SCHWERTFEGER—*Les fonctions de matrices*, Hermann, Paris, 1938.

L. FANTAPPIÈ 1) — *Integrazione con quadrature dei sistemi a derivate parziali*, ecc. Rendiconti del Cir. Mat. Pal., 1933.

2) *Sulla soluzione del problema di CAUCHY*, ecc., Comm. Pontificia Acc. Scient. 1939.

3) *Risoluzione in termini finiti del problema di CAUCHY con dati iniziali su una superficie qualunque*, Rend. Acc. Italia, 1941.

K. W. WAGNER—*Operatorenrechnung nebst Anwendungen in Physik und Technik*, Leipzig, 1940.

H. ERTEL—*Elemente des Operatorenrechnung*, Berlin, 1940.

H. S. CARSLAW and J. C. JAEGER—*Operational methods in applied mathematics*, Oxford, 1941.

K. FAN—*Exposé sur le calcul symbolique de Heaviside*, Revue scientifique, 1942.

E. R. LORCH—1) *The spectrum of linear transformations*, Trans. Amer. Math. Soc., Sept. 1942.

2) *The theory of analytic functions in normed abelian vector rings*, Trans. Amer. Math. Soc., Nov. 1943.

N. DUNFORD—*Spectral theory*, Trans. Amer. Math. Soc., Sept. 1943.

A. GHIZZETTI—*Calcolo simbolico (La trasformazioni di Laplace e il calcolo simbolico degli elettrotecnici)* Zanichelli, Bologna, 1943.

Muitas destas obras referem-se exclusivamente ao método baseado no uso da transformação de LAPLACE. Entre estas é particularmente notável o tratado de DOETSCH.

Errata: No artigo do número precedente, pág. 8, 1.ª coluna, linhas 2 e 3 (a partir do título), deve substituir-se Φ por Ψ e Ψ por Φ .

No artigo do número 31, pág. 3, 2.ª coluna, linha 17, deve substituir-se «reais» por «positivos».

A propósito de uma nota

por José Sebastião e Silva

Na nota que publiquei no último número da *Gazeta de Matemática* como comentário ao artigo sobre a máquina calculadora electrónica, fui levado, por excesso de vigor na defesa dum ponto de vista, a fazer afirmações demasiado esquemáticas, que não traduzem exactamente a minha maneira de pensar sobre o assunto, e que vou procurar agora corrigir, para que não dêem origem a interpretações erradas.

Primeiro que tudo, convém precisar que a fase dos belos teoremas, das belas propriedades, etc. a que nessa nota me referia, não se estende propriamente a todo o século passado, nem dele é exclusiva. Por outro lado, eu não queria de nenhum modo dar a entender que essa fase tivesse sido pouco fecunda. A verdade é que poucos períodos da história da matemática se podem comparar a esse, em abundância e em variedade de produção. Simplesmente — e é sobre este ponto que eu desejo insistir — uma análise mais profunda dos factos levaria a concluir que as premissas para tão frutuosa actividade tinham sido criadas anteriormente, a partir de questões concretas, mais ou menos ligadas a fins práticos. Qualquer coisa de semelhante ao que se veri-

ficou no período helénico, que me serviu de termo de comparação — em que, renegando platonicamente a sua origem humilde como «arte de medir terrenos», a geometria se lançou nos etéreos espaços da especulação pura. E quem é que não reconhece a importância da obra então realizada? Todos nós sabemos que a ciência moderna é, na sua estrutura racionalista, um produto do génio grego. Todavia nós devemos pensar que, se porventura, há cinco mil anos, o homem não tivesse tido necessidade de talhar e medir terrenos nas margens do Nilo, talvez os filósofos gregos não tivessem encontrado matéria para as suas magníficas especulações. O certo é que, esgotada a seiva que lhe dera vida, a geometria de PITAGORAS e de EUCLIDES acabou por se estiolar no seco abstractismo medieval; e foi preciso esperar pelo aparecimento da álgebra — forma evoluída daquela «grosseira» arte de contar, própria de comerciantes e de mesteiros — para que a geometria pudesse ressurgir, sob novos aspectos e com novas energias.

Mas também não devemos encarar a evolução da ciência com espírito unilateral. É indiscutível que,

